

Os endividados partem para a renegociação

Buscar fórmulas de reduzir o estoque da dívida dos países latino-americanos, mas dentro de uma solução negociada e nunca de confronto com os países credores. Esse será o item passível de discussão entre os ministros da Fazenda do Grupo dos Oito — Argentina, Brasil, Colômbia, México, Panamá (que não irá comparecer), Peru, Uruguai e Venezuela —, que se reúnem hoje, no Rio de Janeiro. Formado por presidentes da República desses países, o Grupo dos Oito reuniu-se, pela primeira vez, em 1987, no México, e a última em outubro deste ano, no Uruguai. O encontro de hoje é em nível de ministros, que encaminharão o resultado de suas discussões para seus respectivos chefes de Estado. Ao final, será divulgada nota conjunta.

A dificuldade de unidade entre os países latino-americanos ainda não permitirá ao desfecho do encontro uma posição única desses países para uma proposta comum aos países credores. “A experiência mostra que toda vez que se tentou uma posição

única, basta um país ficar de fora, para ser beneficiado pelos credores em detrimento dos demais. É o suficiente para fazer desmoronar o cartel, que me parece irreal”, queixou-se ontem o ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, ao anunciar os objetivos do encontro. Ele próprio, contudo, observa que os países credores comportam-se como um cartel na relação com os devedores, na medida em que discutem antecipadamente entre si e levam uma posição única, de confronto, ao debaterem o problema da dívida com os devedores.

Segundo Mailson, não há desejo de formar cartel entre os devedores, porque a dívida externa gera problemas de graus diferentes entre os diversos países. Ao contrário do Brasil, México e Argentina — os três maiores devedores — a Colômbia, por exemplo, paga sua dívida rigorosamente em dia e por isso mantém e cultiva um bom relacionamento com os países credores. Nesse momento, o objetivo do Grupo dos Oito é muito mais “buscar a conscientiza-



Mailson: mais difícil do que pagar a dívida é conseguir a união dos endividados.

Adalberto Diniz/AE

ção, em bloco, da necessidade de reduzir o estoque da dívida. Sem isso será impossível retomar o processo de desenvolvimento e investimento produtivo na América Latina”, assinalou o ministro brasileiro. Essa conscientização, observou, já vem se formando também entre os países credores e se traduzindo em propostas concretas da França, da reunião de cúpula realizada no Canadá, do Japão e, recentemente, do líder soviético Mikhaíl Gorbachov, todas convergindo para a necessidade de aceitar um mecanismo de redução. A difícil unidade latino-americana vai até aí. Ou seja, uma redução da dívida negociada. “Também não examinaremos formas de perdão”, acrescentou Mailson.

Quatro formas

No encontro de hoje, a discussão deverá se fixar em quatro formas de redução: 1- via mecanismo de mercado (abater a dívida em troca de investimento, exportações ou os chamados bônus de saída, usados pe-

lo México); 2- criação de uma agência nova — ou aproveitamento das já existentes, FMI ou Banco Mundial — com a finalidade de adquirir títulos das dívidas no mercado secundário, repassando o benefício do desconto para os países devedores; 3- a chamada securitização da dívida, ou seja, emissão de bônus pelo país devedor, garantido pelo Banco Mundial que assegura o pagamento do principal e dos juros com desconto na dívida vencida. Segundo Mailson, essas propostas já foram examinadas no nível técnico pelo Grupo dos Oito e agora serão aprofundadas pelos ministros da Fazenda. Além de dívida externa, os ministros da Fazenda desses oito países discutirão também os planos de ajustes econômicos para reduzir a inflação, que vem assumindo aspectos diferentes em cada um deles.

O ministro brasileiro disse ainda ser possível a discussão sobre a possibilidade de um encontro dos presidentes desses países com o presidente eleito dos Estados Unidos, George Bush.